PREFÁCIO:

Hamelin, 26 de junho de 1284.

Era quase fim da tarde, depois das chuvas de primavera, as pessoas pareciam animadas para a comemoração do Dia dos Santos João e Paulo, mesmo estando receosas depois que ratos invadiram e acabaram com boa parte do abastecimento alimentício da cidade, elas ainda permaneciam devotas e festivas como sempre foram. As ruas estreitas e ladeadas por jardins floresciam em cores vibrantes, mas havia algo inquietante no modo como as flores se inclinavam ao vento, quase como se escutassem algo inaudível.

Um garoto chamado Heinrich observava na janela do seu quarto o pequeno vilarejo onde morava, quando um aroma delicioso de pão recém-saído do forno preencheu o ambiente. Ao descer, ele notou a mesa de madeira organizada com utensílios de cerâmica por sua irmã mais velha, mas não tão mais velha assim.

Heinrich não gostava dessa diferença de idade, apesar de eles serem tão próximos, sentia-se excluído das conversas entre sua mãe e irmã, como se algum assunto não pudesse ser mencionado em sua presença.

No anoitecer, um tremor violento sacudiu a casa, fazendo com que os objetos na prateleira caíssem ao chão, estilhaçando-se em mil pedaços. A luz fraca das lâmpadas tremulou, lançando sombras dançantes que pareciam ganhar vida própria.

À medida que o tremor se intensificava, as paredes começaram a gemer, como se a própria casa estivesse se contorcendo em agonia. Rachaduras surgiram, serpenteando pelas paredes e o chão sob os pés se tornou instável, vibrando com uma força incontrolável. O som de madeira se partindo e de tijolos se deslocando preenchiam o ambiente de destruição.

Conforme o buraco na sala se expandia, as fissuras se alastravam, partindo o chão em fendas profundas, revelando um abismo carnoso e pulsante que expelia um cheiro insuportável.

E, de repente, os ratos começaram a sair dos buracos, como uma onda negra e frenética correndo em direção à luz, seus olhos brilhando com uma fome insaciável.

A porta do cômodo se abriu com um rangido, revelando sua mãe com o rosto marcado de preocupação. Ela segurava firmemente a mão da irmã, que olhava ao redor com olhos grandes e assustados.

— Rápido, querido! Temos que sair daqui! — A mãe gritou, estendendo a mão para Heinrich, mas antes que eles pudessem se aproximar, a horda de ratos se lançou sobre elas como um turbilhão de sombras, puxando-as para o chão. O desespero tomou conta do ambiente, e Heinrich, que observava a cena, sentiu seu coração apertar. Com a casa quase partida ao meio, podia avistar o caos que estava do lado de fora, rachaduras se alargavam, e as casas ao redor desmoronavam, engolindo famílias inteiras em um mar de destruição. Heinrich sentiu a impotência

tomar conta, enquanto os gritos da mãe e irmã ecoavam em sua mente, um som que se tornaria uma lembrança assombrosa.

Heinrich notou uma figura que se aproximava elegantemente pela rua, ele era esguio, seu corpo coberto por uma túnica de cores escuras, uma mescla de roxo e verde musgo. Ele usava um chapéu de forma irregular e com guizos nas pontas, quase como se eles anunciassem a sua presença. O som alegre e inquietante lembrava a imagem de um bobo da corte. Na mão, ele segurava uma flauta com decorações de raízes a entrelaçando, ele a levou até a boca, reproduzindo um som tão doce que flutuava em meio aos gritos e tremores. Mais e mais melodias vinham em seguida, era algo hipnotizante até que os gritos cessaram e os ratos pararam de se mexer.

Heinrich atravessou involuntariamente os escombros em meio à ninhada de ratos, notando não ser o único, havia várias outras crianças que ele conhecia, elas pareciam em transe, com os olhos arregalados, mexendo, enquanto viam alguns familiares e conhecidos em carne viva se contorcendo pelo chão.

Com a ausência das luzes, era difícil se localizar, sua percepção estava confusa.

Heinrich cruzara a cidade até a saída que adentrava a floresta, até que um silêncio opressivo se instalou na total escuridão, como se a própria floresta prendesse a respiração. Ele estava sozinho, perdido em um labirinto de árvores retorcidas, cujos troncos eram marcados por símbolos esquisitos. O ar estava impregnado de um cheiro terroso, úmido e

refrescante, mas com um toque de putrefação que fazia seu estômago revirar.

O frio penetrava em seus ossos, e os pinheiros, como sentinelas sombrias, congelavam não apenas o seu corpo, mas também sua coragem. Ele se deitou entre as árvores mais grossas, buscando abrigo contra o vento cortante. A solidão o envolvia, e ele sabia que, em algum momento, sua família o procuraria, mas a certeza do amanhecer parecia distante.

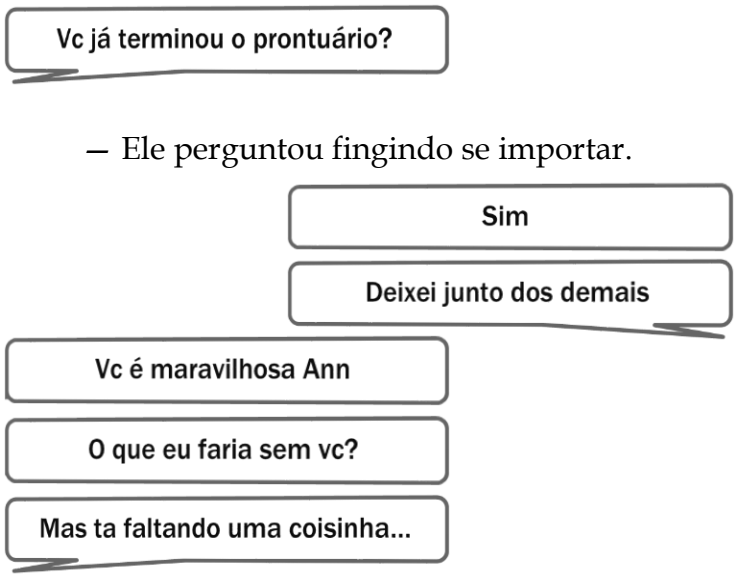
Um aperto no coração o fez estremecer; pela primeira vez, o medo correu em suas veias como veneno. Ele fitou a escuridão, onde sombras dançavam e se contorciam, e uma lágrima escorreu por seu rosto, fechando olhos ele adormeceu, desejando que o amanhecer trouxesse consigo luz, mas a floresta parecia sussurrar que o dia nunca chegaria enquanto a escuridão espreitava como se estivesse esperando, observando.

CAPÍTULO 1:

Algo no escuro

A chuva intensificava cada vez mais, batendo contra a janela como se quisesse entrar. Faltavam menos de 40 minutos para o fim do expediente, e Ann sentia-se tão exausta e com os olhos pesados. Ela olhou para fora, onde a escuridão se misturava com as gotas escorrendo na janela. Matt insistia em enviar mensagens a todo momento, a maioria totalmente dispensável. Matt era o encarregado chefe de Ann, ou pelo menos era a imagem que ele tentava projetar quando sua mãe não estava por perto.

Na tela do celular que iluminava o ambiente com um brilho frio e artificial:


Vc já terminou o prontuário?
Sim
Deixei junto dos demais
Vc é maravilhosa Ann
O que eu faria sem vc?
Mas ta faltando uma coisinha...

— Ele perguntou fingindo se importar.

Oq falta?

— Ela respondeu, pacientemente.

Vc aceitar sair comigo

Matt...

Nós já falamos disso antes

Vc sabe que não vai rolar

— Um arrepio percorreu sua espinha, ela sabia que não terminaria nada bem.

E pq?

Vamos, pensa comigo

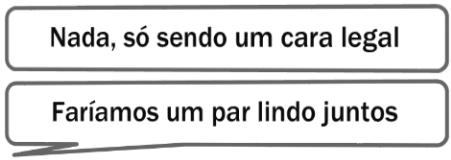
Pode ser divertido e vantajoso

Vc sabe que é linda

— Não que ela realmente não fosse linda! No auge dos seus 26 anos, Ann chamou muita atenção quando foi contratada, principalmente a pedido da própria senhora Miller, ela dizia se ver nela mais jovem. Ann tinha pele clara e um ovalado, que combinava com os seus olhos castanhos, assim como seus cabelos que se renderam ao velho Chanel de cores quentes e avermelhadas.

Oq quis dizer com “divertido”?

— Perguntei sem pensar, olhei para a janela e a chuva parecia cada vez mais opressiva.



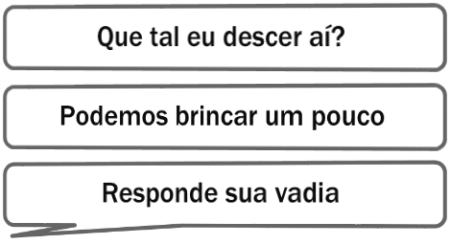
— Incrédula, ela ignorou a mensagem com um suspiro resignado e voltou a preencher alguns documentos, movendo-se preguiçosamente, como se quisesse que o tempo passasse sem muito esforço.

Faltando 20 minutos para o fim do expediente, Ann lutava contra o sono quando as luzes da sala começaram a piscar antes de se apagarem completamente. A fraca luz azulada que filtrava pela janela deixava o ambiente envolto em um tom gélido, criando sombras que pareciam dançar, tentando alcançar o centro da sala.

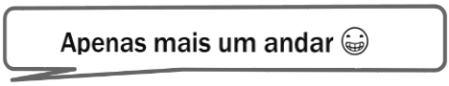
Sentindo a escuridão ao seu redor, Ann tirou o celular do bolso e, com um movimento rápido, acionou a lanterna. O feixe de luz cortou a penumbra, mas a sensação de desconforto persistia. Ela apressou-se a jogar suas coisas na bolsa e se dirigiu à saída da sala até que um som familiar da notificação interrompeu o silêncio.

Um calafrio percorreu seu corpo, pois a escuridão do prédio parecia mais ameaçadora agora. Cautelosamente, ela se aproximou do computador, a luz da tela iluminando seu rosto pálido.

Um pop-up piscava na tela:



— O choque estampado em seu rosto era inegável. O coração acelerou, e antes que pudesse processar a situação, mais uma mensagem chegou…



— Ann sabia que estava em perigo. Com um movimento brusco, quase derrubou a cadeira e seguiu em direção à porta. Ao cruzá-la, sentiu a umidade do carpete sob seus pés e notou uma poça de água se formando ao seu redor. O corretor, com a forma da letra *"T"*, estava completamente encharcado, e os quadros e letreiros nas paredes escorriam, como se a tinta ainda estivesse fresca. As janelas à esquerda, que davam vista para a rua, estavam quebradas, com cacos de vidro espalhados pelo chão úmido; ~~*"Isso não pode ser real…"*~~ Pensou Ann, o choque a dominando diante daquele cenário abandonado que nunca estivera ali. A adrenalina pulsava em suas veias enquanto ela corria em direção ao elevador. Mas, ao ouvir a porta se abrindo, seu coração disparou. Alguém estava parado no elevador, com os braços entre as portas, impedindo que se fechassem. As luzes do elevador estavam quase apagadas, uma fraca iluminação revelava um traje social azul-marinho.

A sombra retirou as mãos do elevador e começou a se aproximar lentamente com movimentos graciosos, como se estivesse tentando distrair, chamar atenção. Ann virou à direita, apressando-se em direção à escadaria, mas, no mesmo instante, a sombra começou a correr em sua direção. Ela encostou o crachá no leitor e empurrou a porta azul da escadaria, que se fechou abruptamente atrás dela. Desceu os degraus, tentando pular o maior número possível. Ao passar pela placa que indicava o terceiro andar, um estrondo forte ecoou dos andares acima, arrebentando a porta. Uma segunda batida a fez estremecer, como se algo tivesse se chocado contra a parede. Ann podia ouvir os passos pesados, cada vez mais próximos. Quando estava quase chegando ao térreo, ouviu o barulho de algo deslizando pelos corrimões. De repente, um vulto negro se chocou contra o chão do térreo, fazendo Ann tropeçar e cair de um lance da escada. A sombra se ergueu na escuridão, seus movimentos retorcidos, como se cada membro do seu corpo estivesse deslocado, era maior do que qualquer pessoa que Ann conhecia.

Rastejando até a porta, tateou a parede em busca do painel para abri-la, enquanto a sombra se aproximava, movendo-se com uma leveza inquietante. Quando finalmente tocou o painel, arrancou o cordão do pescoço e aproximou o crachá do leitor, ouvindo o som familiar de sinalização de que a porta estava aberta. Ao sair, notou que a recepção estava iluminada. A moça da recepção, que sempre mascava um chiclete, lançou um olhar de surpresa e perguntou:

— Querida, está tudo bem? — Questionou a recepcionista, agora o julgamento sob os óculos.

— Acho que… acho que alguém estava me seguindo. — Falou enquanto se endireitava e olhava para a porta, mas não houve nenhum ruído, não havia nada lá…

— Alguém? Querida, estamos praticamente sozinhas aqui, ning…

— E quanto ao Matt? — Cortando a recepcionista, enquanto se aproximava do balcão.

— Matt? — Medindo Ann de cima a baixo com um olhar sarcástico. Ann acenou com a cabeça, mas ainda olhando para a porta que dava acesso à escadaria.

— Querida, Matt foi embora há quase 1h, não há mais ninguém aqui a não ser o pessoal da limpeza, segurança, eu e… — Medindo-a novamente.

— Você. — Ann ouviu um assovio e o barulho da porta se abrir, seu coração acelerando novamente. Ela olhou e viu um senhor, carregando um esfregão, passando pela porta da escadaria, agora iluminada. Então, se dirigiu à saída sem pronunciar mais uma palavra, ainda assustada com tudo o que havia ocorrido. Talvez fosse apenas coisa da sua cabeça; talvez estivesse apenas impressionada com as mensagens de Matt. Ele tinha poder demais, e mesmo que mostrasse as mensagens, provavelmente nada aconteceria com ele.

Do lado de fora, ela desviava das poças de água até o veículo no estacionamento, um 2025 Chevrolet Trax vermelho. Procurou as chaves rapidamente na bolsa e, em um movimento ágil, pressionou o botão, fazendo o carro apitar e trazendo uma sensação momentânea de alívio e segurança. No carro, Ann olhou para o monitor ao seu lado, que indicava quase 01:00 da manhã. Incrédula, percebeu que não poderia

ter passado quase duas horas desde que saiu da sua sala até o estacionamento; normalmente, levaria menos de 10 minutos. Girou a chave e ligou o aquecedor, torcendo para que os bancos não ficassem tão úmidos quanto suas roupas. Então, deu partida, tentando não se distrair no caminho.

— Não foi loucura minha, será? — Falando em voz alta, ela suspirou, voltando seus pensamentos para o individual; ~~*"Talvez não tenha sido o Matt, não acho que ele faria algo tão extremo, nem para assustar… Mas, se não foi ele, quem ou o que era aquela… coisa?"*~~ Ela pensou. A chuva caía com força, transformando a estrada em um borrão escorregadio. Ann lutava para manter a velocidade, mas a tempestade parecia querer arrastá-la de volta ao pesadelo que acabara de viver. Sua mente revivia os acontecimentos, tentando desesperadamente encontrar qualquer detalhe que pudesse ter deixado escapar.

— Amanhã, vou pedir as gravações dessa maldita noite e vou falar sobre a porta. — Murmurou, batendo levemente no volante, como se isso pudesse aliviar a tensão que a envolvia.

Ann não morava muito longe do trabalho, normalmente ela levava menos de 30 minutos para chegar, mesmo em dias tão chuvosos.

Um alerta do celular a fez saltar. Uma notificação. Ann olhou rapidamente para o banco ao lado, estendendo a mão em direção ao aparelho. Quando a tela iluminou o interior do veículo, a luz ofuscante a cegou por um instante, desviando sua atenção da estrada. Assim que seus olhos se ajustaram, um movimento repentino a fez olhar para frente, algo emergiu da escuridão que se misturava às árvores. Um homem iluminado pelos faróis em meio

ao asfalto a encarou com intensidade, uma expressão de horror. Antes que pudesse processar a cena, o corpo foi arremessado para trás do carro. Ela ficou paralisada por alguns segundos, tremendo de medo.

— Será que matei alguém? — Sussurrou, a voz mal saindo de seus lábios enquanto tentava recuperar o celular que havia caído.

— Merda, merda, merda! — Exclamou, virando-se rapidamente para sair do veículo. Ao tocar a maçaneta, notou um movimento no local onde o homem havia surgido. Sombras se moviam, mas desapareceram antes que pudesse identificar o que eram.

— Você está assustada, calma — Disse a si mesma, enquanto saía do carro e encarava a cena aterradora à sua frente. O corpo estava de costas, e embora não conseguisse ver o rosto, sabia que era um homem. Ele vestia uma camiseta branca, rasgada, talvez pela colisão, e calças pretas que se misturavam à escuridão. A chuva havia diminuído, mas a atmosfera permanecia pesada e tensa.

Com a lanterna do celular em mãos, Ann se aproximou lentamente, tentando discernir qualquer sinal de vida. A tragédia ao seu redor parecia contrastar com a calma da noite, que agora se tornara estranhamente silenciosa.

— Senhor? Consegue me ouvir? Você está bem? — Perguntou, esforçando-se para disfarçar a tremedeira na voz. Ao tocar os ombros do homem, ele emitiu um gemido.

— Senhor? Ai, caralho! O senhor está bem? Posso te levar ao hospital se precisar! — Falava rapidamente, tentando controlar a ansiedade que a consumia.

— Não, eu estou bem — Respondeu entre dentes, esforçando-se para se levantar do chão, mas suas mãos não tinham força suficiente para se apoiar. Ann observou o homem, agora um pouco mais calma e analítica.

Uma mancha vermelha se espalhava pela camisa dele, escorrendo pelo chão ainda molhado. Era sangue; ele tinha um ferimento na barriga.

— Deixa eu te ajudar — Disse Ann, estendendo a mão novamente, seu olhar cheio de preocupação.

— Eu disse que estou bem! — Ele gritou, a voz tensa, estendendo a mão para impedir que ela se aproximasse. Ann se afastou e virou-se rapidamente, caminhando em direção ao carro, seu coração acelerando.

— Olha, desculpa, você pode só me levar para qualquer outro lugar, por favor? — Sua voz tremia.

— Consegue andar sozinho? — Ele respirou fundo, exasperado, e acenou com a cabeça, evitando contato visual enquanto se esforçava para se colocar de pé.

No carro, Ann ligou o painel e na tela iluminava o endereço: 132 *Locksley Rd, Lynnfield, MA* 01940, destacando o caminho para casa.

— Você tem algum kit de emergência? — Mais calmo, sua voz áspera não parecia tão ameaçadora. Ele questionou, olhando para a tela à sua frente. Ann ainda incerta do que fazer, notou seu olho fixo no endereço, não parecia nada seguro.

— Vamos pra um hospital, não é longe; ~~*"Ele só pode tá brincando? Não vou levar ele pra minha casa"*~~, pensou ela, dando partida, enquanto a sua preocupação crescia.

— Escuta, eu não posso ir a um hospital, só me ajuda e eu vou embora, não preciso entrar. — A urgência em sua voz era palpável. Ann o encarou por um momento, a dúvida a consumindo, mas deu partida no carro sem responder.

— Qual o seu nome? — Ela perguntou, mantendo os olhos na estrada.

— Eu… eu não tenho um nome. — Ann o olhou por um momento, a incredulidade na voz dela era evidente.

— Como assim? Todo mundo tem um nome. Como você ganhou esse machucado?

— Eu não lembro do meu nome e o machucado foi de uma briga num Pub. — "Hum, ele tá escondendo alguma coisa…" — pensou Ann.

— Qual Pub? — Ann não era uma pessoa que frequentava Pubs, mas conhecia a maioria dos bares locais.

— Taverna *Bunratty*. — Sua resposta foi rápida.

— Tinha alguém na floresta atrás de você, eu vi… mas desapareceram quando eu saí do carro. — Ele fitou a chuva pela janela, como se procurasse alguma resposta.

— Olha, eu não sei do que você tá falando. — Sua voz era falha.

— Você caminhou quase duas horas até aqui?

— Você sabe onde fica o Pub?

— Surpreso, por que a sua história não cola?

— Você vai me ajudar ou não?

— Devo? Você parece bem para quem foi arremessado. — Havia raiva em sua voz.

— Você não me disse o seu nome?

— Nem você, o seu. — Ele gemeu, se ajeitando no banco.

— Me ajuda e depois respondo o que quiser perguntar. — Ann olhou para a mão dele estendida e suja de sangue. Ann estendeu a mão ao homem, apertando-a com firmeza, agora, eles tinham um acordo.

Alguns minutos depois...

— Eu moro aqui. — Ann falou, desacelerando em direção à garagem. A casa, bem conservada, exibia paredes de um bege suave que se harmonizavam com o telhado marrom envelhecido e as janelas cuidadosamente espaçadas. Ao longo das laterais, pequenas coníferas e arbustos criavam um cenário convidativo. Heinrich observou a entrada pavimentada que levava à varanda coberta, onde uma guirlanda decorativa, mesmo fora de época, adornava a porta escura, dando um toque de charme inesperado. O cenário ao redor era pintado com tons outonais, e, ao longe, um vislumbre do lago *Suntaug* completava a cena, trazendo uma sensação de paz e serenidade.

— Posso esperar aqui? Não tem problema…

— Não, tudo bem. Pode entrar. Você não vai conseguir fazer nada nessa chuva.

— Claro. — Ele sorriu, enquanto Ann retribuía falsamente.

Ela saiu do carro, destrancando a porta da garagem que dava acesso à casa. Logo atrás, o homem seguia ela pacientemente, seus passos leves, quase como se não estivesse ali.

— Pode ficar à vontade. Tem água na geladeira e talvez você encontre algo se estiver com fome. Eu

vou buscar as coisas. — Ann falou, subindo as escadas, enquanto ele observava o cômodo ainda inseguro.

O homem se aproximou da poltrona velha que completava a sala. Havia uma mesa de centro entre o sofá e a grande TV. Ele a observou por um momento, seu reflexo na tela negra o incomodava, algo em sua própria imagem parecia perturbá-lo. Ele ignorou a tela, mas uma foto sobre a lareira chamou a sua atenção, era uma foto de Ann e outro rapaz. Eles estavam sentados em uma mesa com outros colegas, eles estavam mais afastados e aplaudindo Ann e o rapaz, que estavam de cabeças encostadas, eles sorriam como bobos um para o outro. Ele pegou o quadro e olhou a parte de trás, havia uma inscrição que dizia: *"2018-Bit Bar Salem-Onde começamos"*, ele colocou o quadro de volta e sentou-se no sofá, deu um grande suspiro e esperou, atento a cada detalhe desconhecido na sala.

— Ei! — Ann estava na ponta da escada, balançando a caixinha branca no ar.

— Você achou! — Ele disse com um meio sorriso.

— Você precisa de ajuda? — Ann colocou o kit na mesa de centro e se sentou ao lado dele.

— Pode ligar a lareira, se não for incomodar?

— Claro. — Ann pegou o controle em cima da mesa e, com um apertar de botão, a lareira acendeu.

— Obrigado. — Sorrindo, ele se inclinou para frente, tirando a camisa. Além do machucado, havia

alguns cortes em seu corpo, todos em direções e tamanhos variados.

— Vai me dizer o seu nome agora?

— Heinrich, prazer! — Ele respondeu, mantendo o sorriso agradável no rosto. Sua pele morena, marcada por cortes em direções e tamanhos distintos, tinha um brilho sutil pela chuva. Seus cabelos e barba são escuros, mas estavam desgrenhados, como se não tivessem cuidado há algum tempo. Seus músculos são visíveis, mas não extremamente definidos, havia um pouco mais de gordura corporal que acrescenta um ar mais relaxado e acessível ao seu visual. Ann notou a tatuagem de um Sol, mas os raios solares eram como lanças.

— Bem, o que significa essa tatuagem? — Ele olhou para o próprio peito, antes de olhar para Ann.

— As perguntas começaram? Nenhum, eu apenas gosto da Sol.

— De quem você está fugindo? — Ela perguntou.

— E você é a? — Enquanto encostava o algodão úmido com álcool no machucado.

— De quem você está fugindo? — Ela insistiu.

— Eu não estava fugindo.

— E a briga no Pub, foram eles que te perseguiram?

— Talvez sim, não sei. — Foi a primeira resposta sincera.

— Então tinha alguém te perseguindo? — Mas dessa vez não houve resposta, Ann notou que ele observava o fogo, seu machucado estava limpo, faltava apenas fechar.

— Aqui, deixa eu te ajudar. — Ann se aproximou da poltrona, sentando-se na mesinha no centro, pegou a agulha, passando a linha.

— Preciso que você incline. — Ela apoiou a mão sobre o peito de Heinrich, fazendo uma leve pressão para que ele encostasse na poltrona. Seus olhos se cruzaram novamente, ele de expressão desconfiada e ela apenas queria oferecer ajuda.

— Ann. — Heinrich sorriu.

— Obrigado pela ajuda, Ann.

— Acho que fui perseguida no trabalho hoje e… eu não sei, senti a mesma sensação quando te encontrei. — Sua mente revivendo a cena.

— Atropelou. — Ele a corrigiu de forma irônica. Ann bufou e espetou a agulha de um lado da pele, fazendo-o contorcer a barriga.

— E o que te perseguiu? — Ele parecia atento agora.

— Matt… — A resposta solta no ar, não que ele parecesse alguém de confiança, mas naquele momento, qualquer pessoa que soubesse parecia mais seguro, mesmo um desconhecido.

— Matt? Ok, mas quem é Matt?

— Eu não sei… Matt é o meu chefe ou quase isso, mas eu não sei se era ele, estava escuro.

— E ele tem motivos pra isso?

— Não, ele é a fim de mim, mas… — Ele soltou uma risada frouxa.

— Por que você riu?

— Nada, acho compreensível só.

— Acha compreensível perseguir alguém? — Ele riu em tom de deboche.

— Não disse isso, quis dizer que é compreensível, ele está a fim de você. — Isso fez o

rosto de Ann corar, ela voltou para o machucado, agora encarando fixamente, enquanto terminava de costurar.

— Mas…? — Ele falou, enquanto gesticulava com a mão para que Ann continuasse.

— Mas ele não parece o tipo de pessoa que persegue alguém. — Ann suspirou, mas tudo parecia irreal demais para ter acontecido, ela deixou os pensamentos de lado, levando a mão até a maleta e retirando uma tesoura e cortou a linha.

— Bem, acho que é isso. — Ela falou, enquanto se virava para organizar os materiais restantes.

— O que é essa marca? — Ele pegou e virou o pulso dela para cima, revelando um rasgo cicatrizado no braço espesso e avermelhado.

— Foi um acidente.

— E como aconteceu? — Ele massageou a mão dela levemente.

— Você pode ir já! — Ann se levantou abruptamente, olhando rapidamente em várias direções de forma entorpecida, ela caminhou até o muro que dividia a sala e a porta de saída. Ele acenou e vestiu a camiseta quase toda manchada de sangue.

— Ei! — O homem se levantou rapidamente em direção a Ann. Com um susto, ela tentou escapar, mas ele a segurou pelos pulsos, empurrando-a contra a parede, levando as mãos dela acima da cabeça.

— Me solta! — Ela falou entre os dentes, tentando se desvencilhar de forma miserável.

— Eu não vou te machucar… — Ann ainda lutava para se soltar.

— Eu só quero o que você está carregando na cintura, prometo. — Ann olhou assustada, mas acenou com a cabeça. Ele sorriu com o canto da boca

e soltou os braços dela. Ann deu um passo para trás e levou a mão até a parte de trás da cintura.

— Devagar. — Disse ele, mas o aviso parecia mais para a segurança dela. Ela puxou trêmula a arma da cintura e estendeu a Heinrich.

— *Taurus PT* 140, nada mal. Você sabe atirar? — Analisando a arma e caminhando em direção à saída.

— Se me devolver, posso te mostrar. — Sua voz continha uma ameaça, mesmo que sem nenhum risco aparente.

— Você ia atirar em mim?

— Não… — Ann respondeu, sua voz assustada fazia contraste com a falsa pose de durona.

— Ajoelha. — Disse calmamente. Ann o encarou nos olhos, mas ele evitava o contato por muito tempo.

— Ajoelha! — A grossa voz ecoou pela casa, ele apontou a arma para Ann, que levantou a mão assustada.

— Anda, ajoelha! — Gesticulando para o chão com a arma.

— Você não vai atirar, disse que não faria nada contra mim. — Disse enquanto se ajoelhava.

— E por isso você precisa de uma arma?

— Eu não ia atirar, droga! — O "droga" sendo proferido com mais intensidade.

— Coloca a cabeça no chão e olha pra ele. — Ann obedeceu, encostou a cabeça no chão e fechou os olhos, em total escuridão. Ela ouviu o clique da arma. "Seja lá o que for acontecer, que seja rápido", ela pensou.

Ouviu um riso frouxo no ar e então o barulho da porta se abrindo, mas ainda se recusava a levantar a cabeça.

Demorou alguns minutos, até que criasse coragem para olhar, lentamente ela observou a sala, a sua volta, mas não havia mais ninguém, ele simplesmente foi embora. Se pondo de pé, caminhou em direção à porta sorrateiramente, esperando que não fosse uma armadilha ou alguma forma de assustar ela. Ann fechou a porta e olhou pelo olho mágico, não via nenhum movimento do lado de fora, parecia tudo calmo demais.

CAPÍTULO 2:

Conexões

O celular tocou, mas não fazia tanta diferença depois de uma noite tão turbulenta. Ela pegou o telefone; eram 7h da manhã. Na tela, viu o nome de Max, sua irmã, e atendeu.

— Por que eu tô na sua porta e você ainda não tá aqui? — Perguntou, indignada.

— Merda! Vou abrir a porta — Max desligou o telefone.

— É, eu uso a reserva. — Era reconfortante ver o brilho frio da manhã entrando pela janela, parecia mais acolhedor. Ann levantou e abriu o guarda-roupa, a única opção apresentável era uma calça jeans e a velha camiseta bege da sua mãe, estampada com plantas e cogumelos em tons avermelhados e marrons.

Ela desceu a escada rapidamente, encontrando Max nos primeiros degraus, esperando por ela. A expressão de desconfiança da irmã era nítida.

— Por que tem sangue no seu sofá? — Perguntou, com a voz baixa.

— Conheci um cara ontem... — Ann hesitou, mesmo sua irmã sabendo de praticamente tudo da sua vida, havia relutância em contar toda a história.

— E onde você o conheceu? — Max caminhou em direção à cozinha. Passar pelo cômodo deixava Ann com uma sensação de amargura; não parecia mais ser um lugar seguro. Lembrar de si mesma no chão era

vergonhoso demais, e contar isso não era nada tão simples assim.

— Ontem, no trabalho, acho que fui perseguida por alguém. — O vacilo na entonação entregava tantas incertezas.

— Tudo bem… — Max encostou no balcão.

— E quem te perseguiu, ele? — Ann pegou uma garrafa de água na geladeira e bebeu disfarçadamente.

— Não… Matt me mandou umas mensagens esquisitas ontem.

— Que tipo de mensagens? — Max olhou desconfiada.

— Podemos falar disso depois? — Pediu Ann.

— Tudo bem, conversamos no caminho! — Max sorriu, aliviada. Elas caminharam juntas em direção ao veículo de Max. Ann sempre pegava carona para o trabalho; elas trabalhavam próximas uma da outra. Max trabalhava no *Mojo* Sushi e Ann não trabalhava muito longe. Depois que sua mãe faleceu há 8 meses de demência, ela passou a trabalhar na *Brightview Wakefield*, uma casa de repouso a alguns quilômetros de casa.

— E aí? Vai me falar o que o Matt mandou? — Questionou, fechando a porta do carro. Ann tirou o celular do bolso e procurou a conversa com Matt, mas as mensagens não estavam lá, não na conversa com o Matt, mas havia um novo contato salvo.

— *Shanbi*... Mas quê? Que droga é essa?

— O quê? Matt de novo?

— Não… A mensagem, não foi ele que enviou…

— E então? — Ann olhava em choque para o celular.

— Eu não sei, nunca vi essa palavra antes… — Ann abria e fechava o aplicativo várias vezes, não se recordava de ter salvado algum novo contato e tinha certeza ou quase de que era o Matt.

— Aqui, deixa eu ver? — Max se inclinou para Ann, tentando manter os olhos na rua ocasionalmente.

— *Schandbild* é alemão, é um gênero de pintura.

— O quê?

— Era usado na Itália renascentista para acusar ou difamar publicamente pessoas de má conduta.

— Mas eu não fiz nada pra ninguém.

— Talvez o cara que você conheceu?

— Merda… atropelei ele.

— Você o quê? — O veículo freou bruscamente, mas voltou a velocidade em seguida.

— Então, quem era o cara?

— O nome dele é Heinrich.

— Alemão? Hum, nunca achei graça. — Ela olhou o retrovisor, dando partida no veículo.

— Eu o atropelei ontem, um pouco antes de chegar em casa, ele disse que não podia ir para um hospital, todo esquisito.

— E aí, você ofereceu ajuda?

— Aham, trouxe ele pra casa e aí, depois que ajudei ele, ele pegou a arma e saiu pela porta.

— A arma do papai?

— Ela mesmo. — Ann não gostava de tocar muito nesse assunto, primeiro a sua mãe e depois ele.

— E o sangue? Você atirou nele?

— Não, eu costurei o machucado, já estava lá quando o encontrei.

— E isso foi antes ou depois dele apontar uma arma pra você? — A pergunta soava como um afronte para Ann.

— Antes. — Respondeu secamente.

— E como ele pegou a sua arma?

— Ele viu na minha cintura, aí ele me agarrou e pediu a arma.

— E você deu? — A mesma voz de desaprovação.

— E eu tinha escolha? Ele me encurralou... — Ela respondeu, apesar da justificativa ser falha, Ann sabia que ela compreenderia, aliás, ela sempre compreendeu.

— Ok, chegamos! — Max parou o veículo em frente à *Brightview Wakefield* e olhou para Ann, distraída, observando o casarão, ainda receosa sobre a noite seguinte.

— Tudo bem se não entrar.

— Não, tudo bem, vai ser só até as 14h mesmo.

— Então, você vai mesmo? — Ann saiu do veículo e olhou para Max.

— Desde que vocês cumpram o combinado. — Max cruzou os dedos e abriu um largo sorriso.

Ann caminhou em direção à entrada, colocou um sorriso no rosto e entrou. O lugar estava movimentado, havia vários familiares visitando seus parentes em repouso. Uma garota magricela se aproximou de Ann. Seus cabelos

volumosos e cacheados, formando uma juba, com cachos bem definidos que caem livres ao redor do rosto. Ela vestia uma camiseta de listras pretas e roxas e calça *legging* preta ajustada ao corpo, enquanto o *All-Star*, embora sujo e levemente desfiado, revelava um estilo descontraído.

— Oi, senhora Parker! — Ela acenou, se aproximando entre saltos desengonçadamente.

— Oi, Paige, já pedi pra me chamar pelo primeiro nome. — Paige sorriu.

— Por que tem tanta gente aqui? — Observando ao seu redor.

— Hoje é dia de visitas.

— Não era apenas na próxima segunda? — Uma senhora de cadeira de rodas passou e acenou para Ann.

— Bom dia, dona Greta.

— Era, mas o Matt decidiu mudar para essa sexta.

— Sem avisar ninguém?

— Na verdade, ele mandou um e-mail para todos ontem à noite.

— Ann acenou com a cabeça e seguiu em direção à sala que, felizmente, passava pela sala de segurança, tinha esperança de conseguir alguma prova da noite anterior.

— Ah! Senhora Park... Digo, Ann, um parente da dona Müller apareceu.

— Sério? E quem é?

— Não sei, Matt quem pediu pra avisar. — Ann pareceu surpresa; ~~*"ele realmente vai agir como se nada tivesse acontecido?"*~~, pensou Ann. Ela fitou a porta da sala de segurança por um momento e entrou.

— Gabe, Kyle! — Mais empolgada do que o necessário. Os seguranças a encararam, depois trocando olhares entre si, como se já suspeitassem da sua ilustre presença.

— Doutora Parker? Precisando de algo? — Gabe a questionou.

— Na verdade sim, eu queria acesso as gravações de ontem à noite, quando sai daqui. — Tentando soar confiante, eles trocaram olhares novamente.

— Aconteceu algo?

— Na verdade sim! —Ela iria mentir.

— Pegaram o meu... grampeador depois que sai e hoje ele não está lá. — Eles se olharam novamente.

— A senhora sabe que pode pedir um no almoxarifado, né? A Gail sempre tem algo sobrando.

— E bota sobrando nisso — Kyle sussurrou para Gabe entre risos, mas logo foi cortado quando percebeu que Ann ainda os encarava em busca de solução. Gabe a olhou novamente e suspirou.

— Ok doutora Parker, providenciaremos a cópia da gravação de ontem à noite, assim que o Matt aprovar.

— Não há outro jeito? Sabe, é muito importante pra mim; Merda, comunicar o Matt seria uma péssima opção, ela pensou.

— Infelizmente não doutora, mas quem sabe ele não agiliza? Aliás ele adora você. — Ann odiava Gabe, ele sempre fazia brincadeiras idiotas relacionadas a Ann e o Matt.

— Faça o pedido então. — Ann se retirou da sala e se dirigiu a sua, esperando um pouco de paz antes de realmente trabalhar.

Os dias de visitação costumavam ser extremamente calmos. A maioria das pessoas saía com seus parentes para almoçar ou fazer um passeio, de modo a compensar a ausência nos demais dias.

Ann caminhou até o quarto da senhora Müller, ela era a paciente mais antiga da casa, desde 2017, quando foi deixada por uma parente.

Ela se dirigiu ao quarto 07, na esperança de finalmente conhecer algum familiar que pudesse ajudá-la no processo de recuperação, pois a senhora Müller tinha lapsos momentâneos de memória, algumas lembranças de acontecimentos passados, mesmo que de forma distorcida. Ao se aproximar da porta, Ann pôde ouvir duas vozes conversando, mas era difícil distinguir o que falavam ou em qual língua.

— Bom dia, senhora Müller! — Ao entrar na sala, ela notou que havia uma pessoa sentada na poltrona de canto.

— Bom dia! Você deve ser a médica de quem me falaram. — A voz familiar ecoando no ambiente. Ann se virou para encarar o familiar presente no quarto.

— Heinrich? — O coração acelerou, ainda com dificuldades para processar a imagem dele novamente. Ele sorriu gentilmente, mas havia

uma malícia na forma como seus lábios se esticavam.

— É bom te ver de novo, Ann.

— O que você faz aqui? — Ela fechou a porta rapidamente.

— Vim visitar minha mãe. E você?

— Trabalho aqui. — Ela olhou para a senhora Müller, que parecia estar em sono profundo, ao menos aparentava estar. Heinrich a encarou por um momento e se levantou.

— Bom, agora que ela dormiu, preciso sair para resolver algumas coisas.... Foi bom te ver novamente. Podemos repetir a última noite qualquer dia desses. — Ele pegou a jaqueta que estava apoiada no braço da cadeira e se dirigiu à porta.

— Espera! — Ela falou alto demais.

— Preciso fazer algumas perguntas sobre a sua... mãe. Ela não recebe visitas há anos. — Ele parou na soleira da porta e abriu um sorriso.

— Podemos tomar algo e depois respondo o que quiser perguntar.

— Já ouvi isso antes.

— É pegar ou largar. — Ele encostou na parede, cruzando os braços.

— Fechado! — Ela passou por ele, atravessando a porta. — Ela caminhou até a sala dela e ele a acompanhou sem proferir nenhuma palavra, mas ele parecia animado.

— Sala restrita, você não pode entrar. — Ela se virou, barrando a passagem.

— Eu espero. — Encostando na parede de frente à sala.

Passaram-se mais ou menos 10 minutos, Ann andava de um lado para o outro na sala, ajeitava a roupa, talvez ansiosa demais para uma entrevista com familiar, ela já havia feito isso várias vezes, não havia motivo para tanto nervosismo. Ela colocou um pequeno caderno preto na bolsa, ela sempre usava ele para anotar algo importante sobre os pacientes.

Ela se direcionou à porta, nervosa pelo tempo em espera; ~~*"Talvez ele tenha ido embora, eu não esperaria tanto"*~~, ela pensou, girando a maçaneta.

Heinrich ainda estava lá, ainda de braços cruzados, e então um grande sorriso se abriu em seu rosto.

— Tudo bem, podemos ir. — Ann proferiu.

— Conheço um lugar perfeito.

— Espero que não seja um Pub. — Ela trancou a porta.

— Não, não é um Pub. — Ele riu sinceramente.

— Mas quem sabe numa próxima. — Completou.

Eles caminharam em silêncio até a saída lateral que dava acesso ao estacionamento, Heinrich abriu a porta para que Ann pudesse sair primeiro.

Apesar do sol à vista, o clima ainda era frio. Depois da chuva de ontem, as ruas permaneciam molhadas e escorregadias. Agora

bem-vestido, Heinrich vestia uma jaqueta de sarja na cor mostarda, uma camiseta preta básica e sem estampa, uma calça–caqui e uma bota Masculina de Camurça na mesma cor. Com a barba e o cabelo arrumados, levemente úmidos pela chuva, era quase impossível ele não chamar atenção, principalmente pela sua altura e musculatura. Heinrich era um cara atraente e Ann também achava isso, mesmo que deixar esses pensamentos revisitarem soassem como uma péssima ideia.

— E pra onde vamos? Espero que não seja longe.

— Que tal o *Veterans Field*? — Era um local bastante popular na região, especialmente para quem gosta de praticar *softball*. Ann acenou com a cabeça, concordando com a sugestão.

— Está sem carro hoje, doutora Ann? Espero não ter a assustado na outra noite.

— Você diz quando se jogou contra o meu carro ou quanto tentou atirar em mim?

— Desculpa por ontem, mas você quem estava armada. Podemos ir no meu se não incomodar. — Ele indicou com a mão o *Audi* A4 *Allroad* preto parado no estacionamento.

— O que o senhor faz exatamente, senhor Müller? Posso realmente te chamar assim? — O Ann o questionou, parando do outro lado do veículo.

— Pode Ann, mas prefiro que chame pelo meu primeiro nome, acho que temos intimidade para isso. — Ele entrou no veículo, abrindo a porta para Ann pelo lado de dentro. Ann entrou no veículo e tirou um

pequeno caderno e uma caneta da bolsa, ela passou o cinto sobre o corpo.

— Quando estiver pronto. — Ela sorriu. Heinrich aqueceu o motor e saiu pelo estacionamento.

— Por onde quer começar?

— Por que você está aqui agora? Procuramos um familiar durante tanto tempo, nunca achamos nada.

— Não? Estranho, foi um de vocês que me contatou e pediu para que eu viesse.

— E quem te contatou?

— Matt, acho que falamos dele ontem. Foi ele quem te perseguiu?

— O Matt contatou você? Ele não me disse nada. — Ann ainda não havia escrito nada no caderno, ela viajava o olhar entre o painel do veículo e Heinrich, mas não havia muito foco e ele notara isso.

— Sim, ele disse termos que tratar de assuntos particulares, mas ainda não o encontrei pessoalmente.

— Você estava fugindo de algo aquela noite?

— Por que essa insistência sobre eu fugir de algo, Ann? — Ann ainda não sabia bem o motivo dessa pergunta, era quase como se a pergunta tivesse surgido por vontade própria.

— Seja sincero comigo, Heinrich! Você não estaria aqui se fosse apenas pra tirar uma comigo, estaria? — As mãos deles se enrijeceram sobre o volante, Ann notou a velocidade diminuindo, e então o veículo parou.

— Eu estava fugindo de um grupo de pessoas, elas queriam me matar. Peguei algo deles emprestado.

— Ann olhou para fora e pode ver o parque à sua frente.

— E o que você pegou emprestado?

— Um punhal. — Ann olhou para ele assustada.

— E por que você precisa disso?

— Digamos que defesa pessoal se enquadra. Vamos? — Ele se virou e saiu do veículo lentamente, esperando que Ann o acompanhasse também.

— Se defender do quê? — Ann se apressou para o acompanhar lado a lado. Agora eles andavam juntos até um banco que ficava entre o lago e o estacionamento.

Veterans Field é um parque aberto dedicado a homenagear todos os veteranos de *Wakefield*, onde o vibrante gramado se estendia sob um céu cinza e um sol moribundo. De um lado, a vista do Lago *Quannapowitt*[01] se revela deslumbrantemente, com suas águas calmas e frondosas árvores que o rodeavam, oferecendo uma vista linda do Lago. No horizonte, o parque se conecta a áreas mais silenciosas, como o cemitério do Templo de Israel e o cemitério de *Lakeside*, que acrescentam um sentimento de respeito e memória à paisagem.

— Por que você me trouxe aqui?

— Meu pai era veterano, ele servia o exército. Gosto de visitar aqui às vezes. — Sentando-se, ele se virou para o lado e deu um tapinha no banco, indicando para que ela se juntasse ao seu lado.

[01] Quannapowitt *(1636-1712)* - Foi o sucessor de Wenepoykin *(líder nativo americano)*, sachem *(termo para se referir a um chefe)* do povo Naumkeag.

— Seu pai foi enterrado aqui? — Ela sentou ao lado dele. A conversa parecia ter tomado um rumo diferente, agora que o contato visual era mais fixo, parecia ter sinceridade em suas respostas, mesmo que tudo chegasse com um filtro.

— Não, não somos daqui, mas acredito que isso você já sabia. — Ele posicionou o braço sob as costas do banco, assim se aproximando um pouco mais. Seu movimento foi tão suave, que Ann quase não percebeu sua aproximação, tirando pelo cheio mentolado adentrando o seu nariz.,

— E por que vieram pra cá? — Heinrich se virou para o lago, agora de expressão mais séria.

— Nós… eu fui trazido pra cá por último. Morávamos em um pequeno lugar, e então trouxeram eu e mais 131 crianças.

— Você foi sequestrado?

— Não, digamos que foi coisa do destino. Acredita no destino, Ann? — De olhos fixos no lago.

— Tipo, tudo já definido, sem escolhas?

— Sem escolhas. — Ele sorriu.

— Não, não gosto de pensar que não posso tomar minhas próprias decisões. — Ela ainda o encarava, seus olhos absorvendo cada detalhe.

— E se eu dizer que o nosso encontro era destino?

— Eu diria que é uma péssima cantada. — Ele agora a encarava, de boca curva e expressão debochada.

— Acha que eu daria em cima de você?

— Não disse isso. — Ela ficou tímida, tentando esconder o rosto sobre o cabelo. Heinrich se aproximou novamente de Ann, que ainda estava imóvel, mas seus movimentos pareciam mais cautelosos.

— Só disse que, bem, usar isso como desculpa? Chega a ser ridículo.

— Um cara não pode xavecar alguém que ele acha bonita?

— Está me xavecando? — Encarando desconfiada.

— Talvez eu esteja. — Ele levantou a mão do banco, pousando-a na cabeça e abrindo um largo sorriso no rosto.

— Como você é idiota! — Ann virou-se para o lago, mas ele insistia em olhar para ela.

— Você tem algo pra mais tarde? Tem uma festa de alguns amigos meus e você seria uma companhia incrível.

— Vou encontrar minha irmã e alguns amigos hoje à noite.

— Eles abririam uma exceção, não? — Agora eles encaravam o lago juntos.

— Não vai rolar, Heinrich.

— Se ela concordar, você vai? Posso falar com ela se quiser.

— Você não tem essa ousadia. — Cética com tamanha liberdade. Heinrich retirou o celular do bolso da calça, estendendo a mão com o telefone para Ann.

— Ela vai recusar mesmo. — Ann pegou o celular de Heinrich, discou o telefone de Max e o levou até a orelha. O cheiro mentolado agora fazia suas narinas queimarem, mas ela gostava.

— Ei, mana, sou eu… — Antes que ela concluísse, Heinrich pegou o celular de sua mão, tomando controle da conversa.

— Oi, tudo bem? Não nos conhecemos ainda, eu sou amigo da sua irmã, queria levá-la para uma festa hoje, mas ela disse que tem um programa com vocês.

— Ei! — Heinrich se levantou e ficou de frente para Ann, mantendo uma distância para longe do seu alcance.

— Certo. É, seria mais ou menos isso. — Ele observava Ann, sua expressão era maliciosa.

— Entendo. Entendo. — Ann se levantou e esperou, convencida de que sua irmã a acobertaria.

— Sei sim! Acho ótimo. — Ann pode ouvir a risada exagerada da irmã ao fundo.

— Obrigado, até. — Heinrich sorriu e colocou o celular no bolso novamente.

— Podemos ir se quiser, não quero tomar o seu tempo ainda.

— E o que ela disse?

— Não rolou. Ela disse ser algo especial.

— Eu avisei. — De rosto aliviado, ela suspirou.

Ann achava Heinrich bonito e, se não fosse por toda a confusão que estava acontecendo e a forma abrupta como ele surgiu em sua vida, ele reconsideraria a ideia.

— Acho bom voltarmos, ainda preciso falar com o Matt e tantas outras coisas.

— Oh, sim, claro. Na verdade, eu precisava falar com ele também. Se importa se eu te acompanhar?

— Não acho uma boa ideia… — Eles caminharam lentamente até o veículo.

— Está com medo? Ou não confia em mim?

— Não quero te trazer problemas, posso resolver isso.

— Eu acredito, mas ficaria feliz em te acompanhar. Aliás, não respondi todas as suas perguntas.

— Isso é verdade, vou precisar de um contato para falar sobre a sua mãe, tem algumas coisas que eu queria saber sobre o histórico de doenças hereditárias.

— Doenças hereditárias? — Ele abriu a porta do veículo para Ann primeiro e fez o contorno para o outro lado.

— Sim, mas não é nada demais.

— Claro, anota o meu telefone! — Ann sentou-se e pegou o celular, faltavam 15 minutos para as 12h.

— Pode falar.

— 555-8374-665. — Heinrich saiu com o veículo pelo estacionamento, fazendo a curva entre a Avenida Norte e a Rua *Church*, levaria menos de 6 minutos até lá. O silêncio pairava no ar enquanto eles chegavam ao *Brightview Wakefield*, finalmente Ann teria respostas sobre a noite anterior, ao menos parte dela.

CAPÍTULO 3:
Agouros

— Merda, pra onde eu vou? — Heinrich xingou para si, enquanto adentrava cada vez mais a reserva de *Lynn Woods*.

— Água, vai ter que servir. — Ele se ajoelhou sobre o pequeno córrego que cruzava pela floresta, levou a mão até a bota, retirando um pequeno e elegante *athame*[1] de metal. Havia uma lua em cada lado do cabo e uma pedra escura no centro. Ele levou a lâmina acima do pulso, a fim de o corte não ser tão letal, fazendo o primeiro corte e em seguida repetindo o mesmo no outro antebraço. Ajoelhado, ele esticou os braços em direção à água, fazendo o sangue escorrer para as suas mãos e pingar na água.

— *Libera visum meum*[2] — A luz da lua surgiu em meio às altas árvores, iluminando o córrego agora avermelhado. A água subiu pelo seu braço em direção à ferida, fazendo-a cicatrizar, seus olhos acastanhados agora tomados pelo cinza-esbranquiçado da lua se arregalaram.

— Finalmente fez contato, achei que tinha *desertado* novamente. — A voz feminina surgia da nuvem cinzenta que se formava do outro lado do córrego. Tudo estava em total escuridão, não tinha mais floresta, nem as luzes distantes da cidade, apenas a água ainda era nítida.

[01] Athame - Punhal ritualístico usado para absorver e direcionar energias.
[02] Libera visum meum - Liberte minha visão. Em Latim.

— Sacerdotisa, tive problemas com os Agouros.

— Essa é a justificativa? — Agora em total forma, sua pele branca como a luz suave da lua refletia uma beleza serena e misteriosa apesar da alta idade. Seus olhos, embora parcialmente escondidos sob o capuz, também brilhavam como os de Heinrich. Ela vestia uma túnica vermelha vibrante, cuja silhueta lembra a de uma batina de padre. Detalhes dourados adornam sua roupa, formando delicados símbolos da lua e ramos de trigo.

— Enfim, sua tarefa agora mudou.

— Por quê? E a lanterna? — Heinrich não gostava de ordens, muito menos do alto escalão.

— Já está em nossas mãos.

— E então?

— Precisamos que rompa os fios de uma pessoa. — Havia mistério em sua voz.

— Vocês mesmos podem fazer isso. "Tem coisa errada, eles mesmos podem cortar o fio de alguém"

— Precisamos que seja violado, não podemos interferir.

— E quem seria?

— Você já a conheceu. — Algumas pessoas passaram na cabeça de Heinrich, mas não tinha ninguém que apresentasse tanta ameaça assim e então uma última imagem surgiu.

— Finalmente, achei que não descobriria por si mesmo.

— Ann, mas por que ela? Que risco ela apresenta?

— Não questione as nossas ordens! — Havia mais de uma voz ecoando, elas repetiram a mesma coisa em sua cabeça. Heinrich sentiu algo escorrer novamente de seus pulsos, sua ferida estava aberta novamente, seus olhos deixaram o cinza-esbranquiçado tornando se agora um vermelho vivo.

— Tudo bem, eu faço! — Os olhos de Heinrich queimavam.

— Você tem companhia. - A Sacerdotisa esboçou um breve sorriso ameaçador antes de sumir novamente. Agora recobravam a cor natural.

Heinrich ouviu passos sobre as folhas, eles eram mais rápidos que o normal, quase imperceptíveis ao ouvido humano. Vultos se mexiam entre as penumbras da floresta, vagavam gasosamente pelo ar, se dissipando em várias formas, até que a primeira delas se apresentou.

— Agouros. — Ele sussurrou entre dentes.

— Há quanto tempo, meu filho? — A sombra tinha voz e fisionomia masculina, sua face era escondida por uma máscara de bico de pássaro feita em couro. Ele usava um chapéu fedora de aba média e algo que parecia ser uma sobretudo indo até os tornozelos, mas a massa negra se deformava em infinitas faces, era difícil distinguir. Ele caminhava lentamente em direção a Heinrich na posse de uma bengala, mais para estética do que para necessidade.

— Já pedi para não me chamar assim.

— Vejo que andou fazendo novas amizades e... pegando algo que não te pertence também.

— Veio pegar de volta? — Mais Agouros se formavam ao redor de Heinrich, era como um carrossel sombrio à sua volta.

— Ah, não, não, não vim aqui com esse propósito. Espero que gentilmente você me entregue, assim não precisamos de mais confrontos e muito menos perdas. Não queremos antecipar a vinda do *Eclipse*, queremos? — Heinrich se pôs em posição defensiva, a adaga empunhada em sua mão. A sombra parou em meio à multidão de Agouros agora presente.

— Por que? Sempre preferindo o método mais difícil. — Heinrich ouviu um tilintar e então os Agouros avançaram, nuvens obscuras iam em sua direção em total frenesi.

Heinrich moveu-se com uma velocidade quase inumana. Seus olhos brilhavam, focados na dança brutal que se aproximava. O *Athame* parecia absorver a pouca luz ao seu redor, emitindo um brilho frio. Com movimentos precisos, esquivou-se dos tentáculos que se estendiam em laminas cortantes.

Os agouros deslizavam pelo chão e pelo ar, tentando atacar Heinrich. Golpes que rasgavam ao meio, deixando rastros de fumaça escura e sangue negro no por toda parte. No final, Heinrich permanecia de pé, respirando pesadamente, cercado por uma névoa de fumaça escura e sangue negro em suas vestes, vitorioso, mas consciente de que a escuridão ainda espreitava ao seu redor.

A reserva dava acesso ao cemitério de Pine Grove, sua arquitetura gótica ruskiniana, combinava com o

nevoeiro que havia se instaurado, nada fora do comum, depois de um abate tão grande de Agouros, era comum enevoar dessa forma.